

Dialogismo e Alteridade no Discurso Científico

Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes¹
(UESB)

Resumo:

Partindo dos pressupostos bakhtinianos de que a interação verbal e o dialogismo são princípios constitutivos da linguagem humana, este ensaio busca analisar em que medida o dialogismo e a alteridade figuram e se configuram o/no discurso científico, por ser este, na tradição racionalista, concebido como "neutro" e objetivo. Argumenta, com base em Bakhtin, que, embora o monologismo seja um aspecto necessário ao fazer científico – momento de exotopia ou abstração teórica –, o ato da criação científica, que se traduz em discurso, só vai adquirir a sua plenitude quando entrar em comunhão com a dimensão dialógica da linguagem, a qual não existiria sem a presença do outro.

Palavras-chave: Dialogismo; Alteridade; Discurso científico.

Abstract:

Building on Bakhtin's assumptions that the verbal interaction and dialogism are the constituent principles of human language, this essay seeks to analyze the extent to which dialogism and alterity out and configure the / in scientific discourse, as this is, in the rationalist tradition, conceived as "neutral" and objective. It argues, based on Bakhtin, that although the monologism is a necessary aspect of doing science – moment of exotopy or theoretical abstraction –, the act of scientific creation, which is reflected in speech, will only gain their full when entering into communion with the dialogical dimension of language, which would not exist without the other's presence.

Key Words: Dialogism; Alterity; Scientific Discourse.

Introdução

Neste ensaio pretendemos fazer algumas reflexões acerca do discurso científico, à luz dos princípios bakhtinianos de *dialogismo* e *alteridade*. Em toda a obra do Círculo de Bakhtin vamos encontrar a presença marcante dos conceitos de *alteridade* e do *dialogismo*, como fatores inerentes à linguagem e à vida humana. Isso é evidente quando afirma que: "A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor" (BAKHTIN, 1992, p. 113).

Trata-se, pois, de uma concepção de linguagem calcada no fenômeno social da interação verbal que, para Bakhtin (1992, p.123), é um princípio constitutivo da linguagem humana: "a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua".

Partindo dos pressupostos bakhtinianos de que a linguagem humana é essencialmente dialógica e de que vivemos "no universo das palavras do outro", focalizaremos, mais precisamente, em que medida o dialogismo e a alteridade figuram e se configuram o/no discurso científico, já que este, tradicionalmente, é sempre visto como "neutro" e objetivo.

O discurso científico

De acordo a tradição clássica, a escrita, a ciência e a lógica sempre estiveram estreitamente relacionadas, ou mesmo inter-relacionadas. E essa inter-relação exerceu grandes influências sobre a própria concepção de linguagem, de ciência e de escrita, as quais eram vistas como algo de caráter altamente abstrato e idealista.

No tocante à linguagem e à escrita, essa visão logocêntrica arraigada na tradição aristotélica, vai perdurar por bastante tempo. Conforme aponta Câmara Jr. (1975, p. 180), a língua escrita grega nasceu no seio dos estudos da lógica. Para ele, "Aristóteles via a língua

através da lógica e desenvolveu o estudo lógico da linguagem, que prevaleceu até o advento da linguística propriamente dita".

Outro fator que contribui para essa concepção logocêntrica da linguagem são os postulados racionalistas da Gramática de Port-Royal (séc. XVII), que, segundo Pessoa (2007), trouxe a exacerbação das relações entre lógica e linguagem, sendo esta considerada a expressão do pensamento.

Entretanto, segundo Bakhtin, (1993, p. 31,32): "historicamente, a linguagem cresceu a serviço do pensamento participativo e dos atos realizados, e começa a servir o pensamento abstrato apenas nos nossos dias".

No que se refere à ciência, Coracini (2003) afirma que é na racionalidade universal, na crença e na busca da razão, sendo esta vista como a própria razão de ser da humanidade, que encontramos os alicerces para a construção discursiva da ciência. Talvez, por isso, o discurso científico apresenta as coisas como que adquirindo vida e falando por si só, assumindo, assim, um caráter de neutralidade e de inquestionabilidade, conforme Leibrunder (2000). Nesse discurso, "todo e qualquer resultado obtido será, *a priori*, uma verdade incontestável" (LEIBRUDER, 2000, p. 231). Para ela, na busca da suposta neutralidade, o discurso científico tenta apresentar-se ao leitor, não como uma interpretação, e sim como a própria realidade.

Podemos notar que o discurso científico carrega, na verdade, um **preconceito racionalista**:

Toda a filosofia moderna nasceu do racionalismo e está completamente impregnada pelo preconceito do racionalismo (mesmo quando tenta conscientemente livrar-se desse preconceito) de que apenas a lógica é clara e racional, quando, ao contrário, é elementar e cega fora dos limites de uma consciência responsável, exatamente como qualquer ser-em-si é. A clareza e a necessária consciência da lógica, quando separadas do centro unitário e único constituído pela consciência responsável, são forças cegas e elementares precisamente por causa da lei inerente à lógica – a lei da necessidade imanente. O mesmo erro do racionalismo se reflete na contraposição do objetivo como o racional, ao subjetivo, individual, singular como o irracional e fortuito. (BAKHTIN, 1993, p. 30)

Sendo, a priori, concebido como “racional”, o discurso científico é encarado como imparcial. Coracini (1992), afirma que a visão da suposta imparcialidade da ciência é transposta para os textos de relatos científicos, por meio de estratégias formais, na busca pela ilusão da objetividade.

Mais uma vez, é oportuno ouvir a voz de Bakhtin sobre essa questão:

É um engano infeliz (herança do racionalismo) imaginar que a verdade (*pravda*) só pode ser a verdade (*istina*) composta de momentos universais; que a verdade de uma situação é precisamente o que é repetível e constante nela. Mas ainda, que o que é universal e idêntico (logicamente idêntico) é fundamental e essencial, enquanto que a verdade individual (*pravda*) é artística e irresponsável, isto é, ela isola a individualidade dada (BAKHTIN, 1993, p. 38).

Pelo exposto, no tocante à questão da subjetividade/objetividade do discurso, Bakhtin posiciona-se a favor de uma unidade formada pela combinação desses dois conceitos: "o intuito, o elemento subjetivo do enunciado, entra em combinação com o objeto do sentido – objetivo – para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da combinação verbal" (BAKHTIN, 2000, p.300). No dizer de Amorim (2002, p. 18), "a subjetividade bakhtiniana é sempre da ordem do *entre* ou da intersubjetividade".

Por meio de outro princípio bakhtiniano - a exotopia – podemos olhar a pretensa objetividade do discurso científico como um momento que integra o Ato, mas que não constitui o seu todo. A exotopia, segundo o pensador russo, seria o distanciamento e estranhamento do autor em relação ao objeto a fim de construí-lo. Trata-se de um momento de distanciamento e de empatia que "é sempre seguido pelo momento de objetivação, isto é, colocar-se *do lado de fora* da individualidade percebida pela empatia, um separar-se do objeto, um *retorno* a si mesmo (BAKHTIN, 1993, p. 14, grifos do autor). Esses momentos de empatia e de objetivação interpenetram-se mutuamente, argumenta o autor.

Contudo, esse momento de objetivação não deve ser confundido com indiferença em relação ao objeto, posicionamento, às vezes, encontrado no discurso científico clássico.

Bakhtin argumenta que a palavra não conhece um objeto como algo pronto ou dado: "o simples fato de que eu comecei a falar sobre ele já significa que eu assumi uma certa atitude sobre ele – não uma atitude indiferente, mas uma atitude efetiva e interessada" (BAKHTIN, 1993., p. 33). Trata-se, da nossa entonação e atitude valorativa em direção ao objeto.

Monologismo/Dialogismo e Alteridade no Discurso Científico

Como vimos, a visão racionalista da linguagem e da ciência preconiza uma suposta objetividade "absoluta", embora o Ato científico não possa ser separado "do centro único e unitário constituído por uma consciência responsável" (BAKHTIN, 1993, p. 30). Tal Ato responsável, no fazer científico, constitui-se de dimensões monológicas e dialógicas. Inicialmente, cabe ressaltar que Bakhtin considera as ciências humanas mais dialógicas, por serem estas as ciências do espírito, cujo objeto é "o homem e sua especificidade" e que só pode ser estudado dentro do texto (BAKHTIN, 2000, p. 334). Já as ciências naturais são consideradas por ele como "uma forma monológica do conhecimento" (idem, p. 403). Entretanto, o pensador recusa a idéia de uma fronteira intransponível entre essas duas ciências.

Falar de monologismo e dialogismo, no discurso científico, pode ser aparentemente contraditório, sobretudo quando se trata de reflexões acerca do pensamento de Bakhtin. Todavia, quando adentramos um pouco mais, no pensamento bakhtiniano, passamos a compreender que se trata de momentos distintos (mas não estanques) que compõem o todo do ato da criação científica.

Segundo Amorim (2004, p. 151), "O monologismo como esquecimento da alteridade, que está na origem de seu dizer, é também uma etapa na vida criativa do autor". A autora (AMORIM, 2004, p. 16) afirma que o discurso científico apresenta níveis

dialógicos e níveis monológicos. Sobre esses dois momentos – do monologismo e do dialogismo, no ato da criação científica –, assim pronuncia-se Bakhtin:

O mundo como o conteúdo do pensamento científico é um mundo particular: é um mundo autônomo, mas não um mundo separado; é antes um mundo que se incorpora no evento unitário e único do Ser através da meditação de uma consciência responsável, em uma ação real. Mas o evento único do Ser não é mais algo que é pensado, mas algo que é, alguma coisa que está sendo real e inescapavelmente completado através de mim e de outros (completado *inter alia*, também na minha ação de conhecer); ele é realmente experimentado, afirmado de uma maneira emocional-volitiva, e a cognição constitui apenas um momento desse experimentar-afirmar.(...) Toda a razão teórica em sua totalidade é apenas um momento da razão prática, isto é, a razão da orientação moral única do sujeito, no interior do evento do Ser único (BAKHTIN, 1993, p. 12,13).

Para Amorim, quando Bakhtin fala do caráter monológico do discurso científico, ele se refere à especificidade desse discurso e, "reconhecê-lo, nessa diferença, significa justamente deixar espaço para outras modalidades discursivas" (AMORIM, 2004, p. 147,148). A autora (AMORIM, 2004, p. 16) enfatiza, ainda, que adotar uma perspectiva dialógica não significa recusar todo texto monológico, uma vez que o monologismo "tem sua produtividade, sua potência de dizer". Essa dimensão monológica, do texto científico é, pois, uma abstração necessária à construção do objeto de estudo, ou momento de exotopia, como já vimos. Todavia, essa abstração teórica para transformar-se no Ato responsável, segundo Bakhtin, precisa entrar em comunhão com a razão prática:

Uma teoria precisa entrar em comunhão não com construções teóricas e vida imaginada, mas com o evento realmente existente do ser moral – com a razão prática, e isso é responsabilmente completado por quem quer que conheça, na medida em que ele aceita a responsabilidade por cada ato integral da cognição, isto é, na medida em que o ato de cognição esteja incluído como *minha ação*, com todo o seu conteúdo, na unidade da minha responsabilidade, na qual e pela qual eu realmente vivo – executo ações. (BAKHTIN, 1993, p. 12). (grifos do autor).

Desta forma, admitir a dimensão monológica do discurso científico não significa, contudo, negar o caráter essencialmente dialógico dessa modalidade discursiva. Nas palavras de Bakhtin:

Por mais monológico que seja um enunciado (uma obra científica ou filosófica, por exemplo), por mais que se concentre no seu objeto, ele não pode deixar de ser também, em certo grau, uma resposta ao que já foi dito sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo problema. (...) As *tonalidades dialógicas* preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos até o fim o estilo do enunciado. Pois nosso próprio pensamento - nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes - nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento (BAKHTIN, 2000, p. 317). (grifos do original).

Enquanto participantes da comunidade acadêmica, por exemplo, vivenciamos o dialogismo do discurso científico em nosso cotidiano. Estamos sempre em situações de interação verbal com nossos pares, com os diversos teóricos, nos momentos de estudos, na prática da pesquisa científica e na construção do conhecimento. Como destaca Bakhtin (2000), os enunciados produzidos em cada época e em cada círculo social, estão investidos de autoridade que servem de base para a criação de novos enunciados e de novos textos. Assim, no discurso científico, os pesquisadores ao citarem teorias e teóricos, dialogam com outros. Uma citação oferece muito mais que um nome e uma data (Paul, 2000): é uma prática que representa trocas de relações e traz uma carga de reputação do autor e periódico citados, bem como carrega as interpretações dos cientistas citantes. As comunidades científicas são essencialmente dialógicas – não existiriam sem o outro. Nossas palavras estão imbricadas com a palavra do outro:

Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro. (...) A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra. A palavra do outro deve transformar-se em palavra minha-alheia (ou alheia-minha). Distância (exotopia) e respeito. O objeto se transforma em sujeito (em outro *eu*) (BAKHTIN, 2000, p. 385,386).

Assim, no dizer de Bakhtin, um locutor não é um Adão bíblico que se encontra perante objetos virgens para nomeá-los, mas o objeto do discurso "já foi falado, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências" (BAKHTIN, 2000, p. 319).

Trata-se, portanto, do discurso do outro em nosso discurso, sempre tomando a posição de exotopia ou distanciamento e respeito para com o outro. Conforme Sampaio (2005, p. 6), esse distanciamento do pesquisador, em relação ao objeto, "pressupõe deslocar-se em direção ao território do outro para poder realizar um trabalho de escuta da alteridade, para poder traduzi-la e transmiti-la". Não se trata, portanto, de um isolamento, mas, sobretudo de um encontro com o discurso de outros, neste caso, pesquisadores ou cientistas: "O enunciado está voltado não só para o objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto", (BAKHTIN, 2000, p. 320). E essa alusão ao discurso do outro não pode ser subestimada, pois confere, à fala, um aspecto dialógico. Assim, o discurso científico, tido como "neutro", conforme a tradição racionalista, e cujo centro, nessa perspectiva, é sempre o objeto, procura negar a presença do outro (BAKHTIN, 2000) e se constitui por meio de relações dialógicas. Estas são, sobretudo, relações de sentido, marcadas pela originalidade e não se resumem a uma relação de ordem lógica. A dialogicidade, como aponta o autor, sempre estará presente em qualquer enunciado científico:

No exame de seu histórico, qualquer problema científico (quer seja tratado de modo autônomo, quer faça parte de um conjunto de pesquisas sobre o problema em questão) enseja uma confrontação dialógica (de enunciados, de opiniões, de pontos de vista) entre os enunciados de cientistas que podem nada saber uns dos outros, e nada podiam saber uns dos outros. O problema comum provocou uma relação dialógica (BAKHTIN, 2000, p. 354).

Afinal, a pesquisa científica não se dá num vácuo social (HYLAND, 1999). A produção do conhecimento científico se processa, obviamente, num contexto de relações sociais. Portanto, o discurso científico é construído nos encontros e confrontos de

escritores, leitores, textos, teorias, formando um **tecido de vozes**, marcado pelo dialogismo e pela alteridade.

Considerações finais

O discurso científico – como manifestação da linguagem humana –, é essencialmente dialógico e é perpassado pela palavra do outro, por vozes outras. Ao mesmo tempo, esse discurso constitui-se por momentos monológicos e dialógicos, pois, como assinala Amorim (2004, p. 16), "não existe dialogismo absoluto, nem monologismo absoluto". E, como vimos, não há contradição alguma em tal afirmação. Essa perspectiva, porém, vem mostrar que, tanto as ciências humanas, quanto as ciências da natureza e exatas – vistas como tipicamente monológicas –, apresentam, de fato, seus momentos necessários de abstração teórica, sua dimensão monológica; mas, ao mesmo tempo, todo discurso científico é igualmente marcado por traços dialógicos e pela presença do outro.

Bakhtin argumenta que todo enunciado, incluindo aí o tratado científico, "comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados –respostas dos outros" (BAKHTIN, 2000, p. 294). A palavra, portanto, transita do locutor ao outro, que, por sua vez, produz sempre uma resposta: "o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva do outro." (BAKHTIN, 2000, p. 294). Desse modo, relações dialógicas estão acontecendo constantemente no discurso científico, posto que o cientista está sempre em busca de uma resposta, de uma reação do outro. E, segundo Bakhtin (2000, p. 357), "o fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica".

Referências Bibliográficas

- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas.** São Paulo: Musa Editora, 2004.
- _____. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, nº 16, 2002.
- BAKHTIN, M. (Voloshinov, V.N. -1929). **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. (1920-1924). **Para uma filosofia do ato.** São Paulo. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, inédito, 1993.
- _____. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CÂMARA Jr., J. M. **História da lingüística.** Petrópolis, Vozes, 1980.
- CORACINI, M.J. **Um Fazer Persuasivo: o discurso subjetivo da ciência.** São Paulo/Campinas Editoras EDUC/Pontes, 1991.
- _____. O cientista e a noção de sujeito na lingüística: expressão de liberdade ou submissão? In: ARROYO, R. (Org.) . **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino.** Campinas-SP: Pontes, 1992.
- _____. As representações do saber científico na constituição da identidade do sujeito-professor e do discurso de sala de aula. IN: CORACINI, M.J. (Org.) **Identidade e Discurso: (Des)construindo subjetividades.** Campinas: Ed. da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.
- HYLAND, K. *Academic Attribution: Citation and the Construction of Disciplinary Knowledge.* **Applied Linguistics,** 1999, 20 (3):341-367.
- LEIBRUDER, A. P. O discurso de divulgação científica. In.: BRANDÃO, H. N. **Gêneros do discurso na escola.** São Paulo: Cortez, 2000.
- PAUL, Danette. In citing Chaos: A study of the rhetorical use of citations. **Journal of Business and Technical Communication,** 2000, 14:185-222.
- PESSOA, M. de B. **Do oral e do escrito desde os gregos até a geografia lingüística.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Mimeo, 2007.
- SAMPAIO, M. C. H. Concepção dialógica de linguagem e a questão do método para a pesquisa lingüística em ciências humanas. **Investigações,** v. 17, nº 21, p. 151 a 160. Universidade Federal de Pernambuco ,PPGL, Recife, 2005.

AUTORA

¹ Gerenice R. de O. CORTES , Profª Ms.
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
cortesgr@gmail.com